

A AUSÊNCIA DO PAI NA CLÍNICA DA FAMÍLIA

(Numa perspectiva Freudiana e Lacaniana)

(2010)

Victor Lopes da Gama Cerqueira

Licenciado pela Universidade de Coimbra, pós-graduado pelo IPAF - Lisboa e Mestre em saúde mental e clínica social pela Universidade de León

avcerqueira1@gmail.com

RESUMO

Este trabalho pretende abordar a ausência do 'Nome do Pai' numa perspectiva Freudiana e Lacaniana. Para isso reflecte sobre as novas famílias e as que eventualmente poderão ainda ser constituídas, da sua evolução, das enormes e rápidas mudanças sociais. A nova posição da mulher na sociedade contemporânea, nomeadamente na nossa. E das consequências que todas estas mudanças, nomeadamente do consumo em que tudo é consumido e consumível, tiveram na posição do género masculino no seio da família e da sua ausência.

A ausência do 'Nome do Pai' que permitindo o 'tudo vale e tudo é válido' pode ter como consequência a psicose.

Palavras-chave: Família, pai, ausência, mãe, consumismo, mudança, sociedade

Nota:

Gostaria de previamente explicar o seguinte: porque penso que é importante, tentarei, dentro do possível, que este artigo tenha sempre como referencia a sociedade e a clínica portuguesa.

E isto acontece porque em que em Portugal, há pouca investigação/reflexão própria, isto é, sobre a nossa própria sociedade e idiossincrasias, temos muito a tendência, mesmo nas nossas Universidades, de replicar estudos, nomeadamente de outras sociedades, com outras realidades por vezes completamente diferentes da nossa e não pensar sobre nós próprios.

Obrigado.

INTRODUÇÃO

A psicologia, na minha opinião, depende para o seu desenvolvimento de duas ciências que de alguma maneira complementam e obrigam a uma permanente reflexão dos construtos da psicologia. São elas; as neurociências por um lado e as ciências sociais, no seu todo, mas em especial a antropologia por outro.

De facto, eu fui desenvolvendo a convicção, até esta se transformar numa “certeza” de que no meu trabalho enquanto psicólogo, não podia deixar nunca de estar atento às mudanças sociais que permanentemente se vão efectuando.

Aliás, nas sessões de supervisão a jovens licenciados, tenho sempre a preocupação de lhes chamar a atenção para a importância de saírem dos consultórios e se transformarem em observadores atentos das comunidades onde estão inseridos, mas também da sociedade em geral, nacional e internacional, que, tendo em conta a globalização actual, inevitavelmente terá uma determinada influência sobre a sociedade onde estamos inseridos.

É preciso que leiam jornais e revistas, que reflectam sobre o acontecer e eventualmente as consequências possíveis em termos de saúde mental. Não deixa de ser curioso que, neste tempo de consumo pronto a usar, vou encontrando cada vez mais jovens licenciados, que tendo um grande conhecimento académico das matérias, têm enorme dificuldade de as trabalhar em termos sociais e de responder a perguntas simples, mas que necessitem de reflexão e raciocínio no encontro das suas respostas. Parece-me muitas vezes que o saber académico, hoje em dia em algumas Universidades, ou com alguns professores, está, ou melhor continua, “enlatado” isto é; “pronto a ser consumido” desde que memorizado e “despejado” na hora certa, ou seja nos exames.

Ora, hoje o conhecimento e a informação evolui a uma velocidade “supersónica”. Por isso é preciso estar atento, saber seleccionar a informação (talvez uma das maiores dificuldades actuais tendo em conta o “lixo” que aparece) ter total disponibilidade para estudar permanentemente, questionar-se e questionar sobre o conhecimento adquirido, o que pressupõe o gosto pelo estudo, ser humilde e, depois, persistente no seu trabalho.

Estas exigências, no que toca à psicologia são exigências “mínimas” de quem virá a trabalhar com os OUTROS e na saúde mental daqueles.

A outra vertente, a das ciências neurológicas, não podem, como é óbvio deixar de estar sempre na preocupação dos psicólogos, dado que será por aí, provavelmente, que nos virão as grandes ajudas para compreendermos os mecanismos neurológicos que estão associados às emoções, aos comportamentos etc. Aliás, um dos investigadores de ponta na cartografia do cérebro humano, António Damásio, é português, e afirmou em Lisboa num congresso realizado

no mês de março¹, em que comparava o pensamento de Freud no seu tempo, com o conhecimento científico à época, e hoje, que a psicologia era indispensável pois era quem tratava das emoções, e dos comportamentos e estas situações deviam ser tratadas por psicólogos. Esta posição criou alguma tensão entre os psiquiatras presentes...

A sociedade tem evoluído (?) a um ritmo sem precedentes históricos desde o fim da segunda grande guerra com uma aceleração fantástica a partir dos anos 80/90 do século passado e sempre em crescendo.

Acontece que, as alterações sociais foram profundas em alguns casos e em algumas sociedades, nomeadamente na portuguesa, que até 1974 viveu uma ditadura durante quase cinquenta anos e que teve nos últimos vinte anos, dessa ditadura, uma guerra com três grandes frentes de combate em África (Guiné, Angola, Moçambique).

Ora bem, numa ditadura e numa sociedade fechada ao exterior como era a portuguesa, não permitiu uma adaptação e até um conhecimento, (os cursos de psicologia e sociologia foram proibidos em Portugal até 1974) fruto de uma censura severa, em relação àquilo que estava a acontecer no mundo e, nomeadamente, na vizinha Europa (em Espanha também se vivia em ditadura mas, apesar de tudo, mais aberta). O fim da ditadura, exactamente num momento de grande “revolução” sócio/económica mundial, teve um impacto profundo (até de surpresa) na sociedade em geral e nas famílias em particular. Desde logo pelo fim da guerra que as atormentava permanentemente como era óbvio, mas também nas formas de viver, sobretudo, e por mérito próprio, do viver das mulheres.

Estas começaram a sair de casa, numa primeira fase para trabalhar. As famílias por exigência, muitas vezes das próprias, mas também por exigência legal, começaram a manter as suas filhas nas escolas, começando a quebrar assim, a quase total hegemonia cultural dos homens. Paralelamente, as mulheres começaram a frequentar os cafés, mesmo das pequenas vilas mais remotas, a fumar etc.

Parecendo alterações simples e sem importância, elas são no entanto, muitíssimo importantes e virão a ter, como não poderia deixar de ser grandes consequências na relação homem/mulher que até ali existiam e, consequentemente, nas inter relações familiares que até ali funcionavam.

É que, até ali quem mandava era o homem. Até legalmente, uma mulher não podia viajar sem a autorização prévia do marido ou Pai...

Assim, a família era completamente dominada pelo “homem da família” chamado chefe de família pela própria legislação em vigor à época.

¹ Congresso internacional, perturbações do desenvolvimento da infância à idade adulta. O título da conferência foi o seguinte: “O que diria hoje Freud se fosse vivo.” António Damásio – University of Southern California

Parece-me então que “... a nossa sociedade que teve uma evolução, (?) nos últimos trinta anos, que corresponde de facto a um *SALTO* social, económico e cultural que, por vezes, e em largos estratos sociais (a grande maioria?) poderá corresponder muito mais a *pulos* do que a uma verdadeira evolução progressiva e natural.” (Cerqueira, 2006) E foi mesmo um *pulo*, que por não ser evolutivo, apesar da velocidade dos acontecimentos ser enorme, não tem substrato de apoio, deixou as famílias sequestradas neste novo mundo de consumo desregrado que se lhes abria e do capitalismo, se me é permitido classificá-lo, selvagem, da qual a maioria não fazia nenhuma ideia da sua existência muito menos de como controlá-lo e/ou na necessidade de o controlar

“Assim, e no limite, poderemos dizer que no espaço de uma geração passámos do “carro de bois” para o “Mercedes” ”. (Cerqueira, 2006)

É quase inquestionável que as alterações foram tremendas, passámos de uma sociedade predominantemente agrícola para uma sociedade de serviços sem sequer ter passado pela revolução industrial.

Ora bem, nesta “convulsão” em que as famílias de repente se vêem, surge uma figura, que entretanto, fruto da libertação da mulher, da sua autonomia económica e da sua libertação sexual, vai perdendo rapidamente o seu estatuto no interior da mesma, que até aí detinha e, desta forma, vai “desaparecendo” como símbolo agregador, de autoridade e de referência familiar, **o Pai!**

É nesta perspectiva, tendo em conta Freud e Lacan, que eu tentarei abordar a questão do pai, da sua importância, tendo em conta o Édipo e o complexo de castração e as consequências da ausência do “Nome do pai”.

É que em termos de clínica, é incontestável, que vai surgindo cada vez mais em consulta as patologias associadas a estas questões em que a ausência do Pai está muitíssimo presente.

ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS SOBRE A FAMÍLIA

Quando falamos de família hoje em dia estamos a falar de quê?

De famílias monogâmicas, ditas tradicionais, Pai, Mãe e filhos? Falamos de famílias monoparentais, só com o Pai ou só com a Mãe, consequência de um divórcio ou da morte de um dos conjugues? Falamos de famílias monoparentais, constituídas por Mães, ou Pais solteiros porque aconteceu ou porque se quis? Falamos de famílias não monogâmicas e que “trocam” de pares com alguma frequência, em que o chamado “swing” é um exemplo? Falamos de famílias homossexuais, femininas ou masculinas, com ou sem filhos? Falamos ainda de famílias reconstituídas, vindas de divórcios anteriores? Falamos de famílias que vivendo sob o mesmo tecto, vivem no entanto aparte (*living apart together*)? Ou, não vivendo sob o mesmo tecto, vivem em comum (*living together apart*)?

De facto, quando falamos hoje de famílias teremos de ter algum cuidado com o conceito, pois, como podemos verificar olhando para a nossa sociedades, o conceito de família é diversificado, e acredito, não ficará por aqui.

Ainda haverá mais hipóteses de famílias, perguntarão os leitores?

Sim, segundo alguns sociólogos e antropólogos, ainda há mais hipóteses de constituição de outros tipos de família, nomeadamente as famílias não monogâmicas (que existem em muitíssimos lugares do mundo, fruto ou de uma cultura própria (África) e/ou de convicções religiosas) e ainda de famílias em que estaremos dentro do incesto, isto é, irmãos e irmãs a viverem juntos sendo sexualmente activos.

É preciso ter em conta que a origem das leis que hoje não permitem casamentos/ligações entre consanguíneos, foram constituídas, muito mais por razões de protecção da saúde de filhos vindos desse tipo de união do que por razões morais. Ora, este conceito deixa de ser válido quando se está perante pessoas, embora irmãos, mas do mesmo sexo.

E a poliandria, que ainda hoje existe em alguns lugares do planeta nomeadamente na China.

Aliás, com a cada vez maior liberalização das sociedades, liberalização que promove a individualização como “marca” social e com o advento da permissão legal, em cada vez maior número de países, dos casamentos homo e da permissão de adopção por parte destes casais, parece legítimo que apareçam, ou que vá aparecendo novas reivindicações, de constituição de famílias que tendo em conta o quadro actual, não deixam de ser legítimas, desde que com conhecimento e o consentimento, claro e inequívoco, dos parceiros como por exemplo nos casamentos não monogâmicos.

Para o vulgar do cidadão será o “vale tudo” referenciado também na psicologia, nomeadamente na psicanálise ou ao individualismo total que se poderá consubstanciar no direito ao GOZO!

Viveremos de facto numa situação de que “Tudo vale e tudo é válido?”

Se sim, ou mesmo que se considere que ainda não se está nesse estágio (?) de desenvolvimento (?) que consequências para a clínica da família?

Ou não terá consequências?

É o que vou tentar responder ao longo deste trabalho tendo **sobretudo em atenção a posição actual do Pai no seio da família contemporânea**, não deixando no entanto de abordar questões que podem, ou não, surgir na clínica, fruto de novas concepções de famílias.

A família, tal e qual como a conhecemos, teve enormes evoluções ao longo da história. Não é espaço nem objecto deste trabalho aprofundar este aspecto histórico da família, mas de facto, ela teve imensas formas ao longo da história humana.

Tal como está a acontecer actualmente, mas a uma velocidade sem paralelo na história, a família foi evoluindo e adaptando-se ao seu tempo histórico/social.

Assim, em relação à família, esta vai tendo várias concepções da mesma, que vão das ditas tradicionalistas aos críticos desta mesma concepção tradicionalista. Mesmo dentro dos críticos podemos encontrar caminhos diferentes que poderemos situar entre os analistas de cultura Marxistas, outros de origem anti psiquiatria e ainda aqueles que questionam a família, não tanto a super estrutura de uma máquina económica ou como instituição autoritária de repressão dos instintos, mas sim, como uma instituição sobretudo sexista.

Esta é uma posição das comunidades homossexuais, masculinas e femininas, e muitos dos estudos sobre estas comunidades baseia-se nessa premissa de sexismo da restante sociedade, que tem alguma dificuldade em ver e, sobretudo, aceitar, o casal homo.

Poderemos ter desta forma a noção de que mesmo historicamente não é fácil falar de famílias, e por isso parece-me importante que me permitam então referir o significado romano de família:

Famulus que significa **escrava doméstica**

Friedrich Engels, no seu livro “*A origem da família, da propriedade privada e do Estado*” (1891) depois de fazer um exaustivo estudo sobre a história e evolução daquilo a que poderíamos considerar famílias diz a determinada altura: “ A descoberta da primitiva *gens* de direito materno, como etapa anterior à *gens* de direito paterno dos povos civilizados, tem, para a história primitiva, a mesma importância que a teoria de evolução de Darwin para a biologia e a teoria da mais-valia, enunciada por Max, para a economia política.”

De facto, a alteração é substancial, e coloca a família a partir de determinada altura que podemos situar na fase “pré-revolução industrial”, na dependência (quase total) do **homem** da casa, chamado, até há bem pouco tempo, no próprio ordenamento jurídico da maioria dos Países nomeadamente em Portugal, de “Chefe de Família”...

Assim, tal como disse Marx “(...) a família moderna contém o germen, não só da escravatura (servidão) mas também da servidumbre. Encerra em miniatura todos os antagonismos que se desenvolvem na sociedade e no estado.” In Fleischer D. E Garcia G. (IAEU) (n.d.), 2008 (?)

Temos assim, aquilo que poderíamos considerar como as raízes do pensamento Freudomarxista da família, que têm como perspectiva a família como um elemento da sociedade engajada no processo de produção capitalista e que por si só, na sua evolução interna, prevê a manutenção da seus bens, por via da escolha dos casamentos tendo em conta a manutenção e/ou

ascensão social e, por outro lado, no desenvolvimento da sociedade capitalista, criando assim aquilo a que Marx e Engels chamam o casamento burguês numa sociedade burguesa.

Desta forma, com a aparição da família burguesa, a mulher é entregue ao poder do homem, regressando, grosso modo, à concepção Romana de *Famulus*, isto é “escrava doméstica” que se foi mantendo e mantém apesar de muitas e variadas contestações ainda hoje, nomeadamente na sociedade portuguesa.

Até porque, a monogamia não se apresenta de nenhuma maneira como uma reconciliação entre o homem e a mulher, já que, segundo mais uma vez Engels, o seu complemento necessário é a prostituição e o adultério².

É, para mim, tão verdadeira esta afirmação de Engels.

Na minha geração, (tenho 59 anos) raramente o homem não casava virgem.

Virgem no sentido de nunca ter tido uma mulher com a qual tivesse mantido uma relação sexual não paga.

E se tivesse sucedido, isto é; se tivesse tido relações sexuais com a sua namorada (ou outra rapariga que não fosse namorada) era obrigado ao casamento...

A iniciação sexual era feita por via da prostituição. Ora, esta situação desenvolvia, muitas vezes, uma contradição terrível. O homem, não aceitava que a sua mulher na cama pudesse demonstrar prazer, pois para ele esse seria um comportamento reprovável e “comparável” à de uma prostituta e, por isso, não devia demonstrar o seu prazer, desenvolvendo, provavelmente por esta razão e outras, (tanto a mulher como o homem) algumas patologias.

A procura da prostituição, mas também o adultério, muitas vezes prolongado, para o homem, “chefe de família”, parecia ter “arrumado” na sua cabeça que, uma era a sua mulher e a outra a sua amante (que corresponderia, grosso modo, a prostituta) estas situações, para a minha geração e mais velha, era um acto não só “normal” como divulgado como uma atitude de macho...

A mentalidade dominante (?) era a seguinte: a única mulher séria é a minha, todas as outras são umas putas...

No entanto não deixa de ser curioso que de todas as formas de família, a monogâmica foi a única que pode evoluir até ao amor sexual moderno, que para Engels não precede do casamento mas sim do amor cortês medieval e da infidelidade.³

² (Op. Cit. pp 8).

³ (Op. Cit. pp 7)

Assim, para Engels, a família monogâmica é a herdeira do direito romano, baseada no domínio do homem e na necessidade de assegurar a paternidade dos filhos, que serão os beneficiários da herança, e, por isso os “continuadores” do nome, das tradições e da riqueza familiar. Transformando-se, os filhos em sucessores dos Pais e, por isso, em autênticos “guardiões” das tradições da família.

Ainda neste campo dos Freudmarxistas podemos chamar à colação Wilhelm Reich (1897-1957) que atribuiu as neuroses às condições de vida miseráveis e que considera o orgasmo como o eixo da “economia sexual” e, mais tarde, tenta explicar historicamente a gênese das neuroses partindo do exame das origens da repressão sexual.⁴

Desta forma Reich propõe uma transformação da família e para isso formula uma crítica à família tradicional e defende que a origem das neuroses coincide com a aparição da família patriarcal coerciva.⁵

Esta perspectiva de Reich leva-me a voltar um pouco atrás, quando eu refiro o comportamento contraditório do “chamado chefe de família” que procura a satisfação sexual fora do casamento, por via do adultério ou por via da prostituição, e não permite que a SUA mulher usufrua do(s) mesmo(s) prazeres...

Ainda dentro dos *Freudmarxistas* falemos agora de **Herbert Marcuse (1898-1979)** que em relação a Reich foi sobretudo um clínico e vem da escola de Frankfurt. Ele tem a opinião de que Freud aborda as questões de psicologia social que faltavam a Marx, embora ambos os autores tratem da libertação das repressões.

Marcuse, embora compreenda que o princípio da realidade se imponha sobre o princípio do prazer, critica Freud por este ser pessimista e não considerar que seja possível uma sociedade não repressiva, baseando a sua censura a Freud na formulação deste de que “*toda a civilização pressupõe uma repressão básica*” das pulsões de vida e de morte.

Desta forma, Marcuse, considera o realismo de Freud uma posição conservadora, tal como Reich, quanto a um levantamento da repressão sexual e social. É no entanto importante salientar que embora associando a repressão sexual ao domínio político, não considera no entanto que a origem desta repressão esteja na família pois esta, para ele, será uma simples emergência de forças sociológicas de um nível superior a ela.

Uma referência ainda a **Erich Fromm**.

⁴ (Op. Cit pp 8).

⁵ (Op. Cit pp 9)

Este autor pensa que é necessário criar “...um novo homem cuja *força estará ao serviço da vida e não da morte*”. (Fromm, 1981) defende ainda que o patológico surge do plano social, negando a importância que os autores anteriores dão à sexualidade.

Não deixa de ser estimulante que este autor, Fromm, faça uma ligação entre a determinante social e as patologias.

De facto, cada vez mais vamos tendo a noção de que o desenvolvimento da Psicologia e, concomitantemente, da qualidade das intervenções clínicas nesta área, estão de alguma forma dependentes do desenvolvimento das ciências sociais por um lado, e, por outro, das ciências neurológicas.

Bastará não perder de vista que algumas “coisas” que poderiam parecer “estranhas” há alguns anos atrás, por exemplo: o uso de calças de ganga (jeans) por um indivíduo de certa idade poderia parecer “estranho” (não quer crescer, quer manter-se jovem...) hoje é “normal”.

De facto, as percepções do patológico vão evoluindo conforme a sociedade por si própria vai mudando os seus paradigmas e “normalizando” comportamentos que antes seriam considerados como “não normais”.

Os anarquistas:

David Cooper (1931-1986) Foi um dos mais notáveis representantes do movimento de impugnação radical do saber psiquiátrico que se desenrolou entre 1955 e 1975.

No seu livro *La muerte de la familia* (1970)⁶ para corroborar a sua ideia de que a instituição familiar induz a um conformismo social e de aceitação das regras determinadas pelo poder social e económico, diz: “*Criar um filho equivale a destruir (hundir) um pessoa*” Pois para ele a família especializa-se na criação de regras em vez de desenvolver as condições para a livre assunção da identidade de cada um como pessoa livre.

A família doutrina os filhos para serem filhos, depois maridos e pais assimilados.

Desta forma se cria a noção de “normalidade” que é estabelecida pelos proprietários dos meios de produção e consistiria numa sexualidade reprodutora que tenderia a que os homens seriam a potência do trabalho e as mulheres a de manter a família.

Curiosa, dentro destes autores chamados de anarquistas é a posição de **Gilles Deleuze e Félix Guattari** que no seu livro *El antiedipo* (1972)⁷ faz uma forte crítica à família pondo o acento no familiarismo.

⁶ (Op. Cit pp 11)

⁷ (Op. Cit pp 13)

Segundo estes autores a família, por ser um microcosmos do corpo social da psicanálise encontrou em todos os lados, exército, política, empresa, estas relações Mama-Papá, interpretando assim todos os acontecimentos em termos de Édipo mal resolvido.

Quer dizer, para Deleuze e Guattari, o Édipo familiarista encerra as relações de desejo e a produção social.

Assim, a sua crítica ao edipismo freudiano fundamenta-se no encerramento da libido na família o que consideram muito pobre.⁸

Os anti psiquiatria

Michel Foucault (1927- 1984) ao contrário dos Freudmarxistas que estabeleceram que a sociedade moderna reprime a sexualidade, a tese de Foucault era bem mais radical.

Desta forma, ele estabelece que a sexualidade, ela mesma não existia, era uma invenção da sociedade moderna. Segundo este autor, na antiguidade não se tratava da sexualidade que corresponde a formas paramédicas da modernidade.⁹

Movimento gay-lésbico.

Leo Bersani (1940-)

Este autor, defensor da identidade homossexual como resistência social, denúncia por parte da comunidade da assunção das estruturas sociais heterossexuais. Fazendo assim um retorno às famílias tradicionais, isto é: funcionando tal como elas funcionam, com os mesmos princípios e regras e assim com esta resignação e aceitação não se poderá destruir estes valores dominantes.

O que terá como consequência fazer como que uma integração homogénea da comunidade homossexual na sociedade global, diluindo, ou até mesmo fazendo desaparecer, as suas diferenças.

A defesa da família tradicional

Na defesa da família tradicional temos dois campos:

⁸ (Op. Cit pp14)

⁹ Op. Cit pp 15

A) A defesa da família tradicional por via das teorias filosóficas e das sociológicas.

B) A defesa a partir da psicanálise.

Salientamos no primeiro caso Auguste Comte que com a sua afirmação de que “...*não se pode estudar a família separada da vida social*”, coloca de facto a família como central no plano da sociologia e da filosofia, pois enquadra a família no seu “mundo” isto é, na vida social, sendo por isso influenciada por ela e influenciadora da sociedade onde está constituída tendo em conta história dessa mesma sociedade.

Não é por acaso que ainda existem famílias em que predomina a poliandria na China. Terá a ver com a vida social e histórica que propícia (se não obriga até) a que se constituam famílias deste tipo.

No entanto, os sociólogos e os filósofos vão desenvolvendo inúmeras investigações e reflexões, tendo em conta os efeitos do individualismo sobre as famílias ditas tradicionais.

No segundo caso, a defesa da família tradicional por via da psicanálise vai sendo feita por inúmeros autores que vão desde Anna Freud (a posição de analista como super ego ortopédico na primeira infância), Melanie Klein (de que nos primeiros anos trata-se dos Pais reais e não do seu *imago*) ou Donald Winnicott (1896-1971) que salienta que o tratamento analítico não é somente interpretativo, mas também, um ambiente apropriado, um ambiente contentor, tal como devia ser o cuidado materno.¹⁰ E ainda Françoise Dolto que defende que quando os Pais se separam as crianças passam por um período de surpresa e estupefacção, atribuindo estes sentimentos a duas razões, o ódio entre os Pais e, como consequência, o de sentir que ficou entre dois fogos.

Esta autora teve um trabalho permanente e altamente meritório no desenvolvimento de “Escolas de Pais” em França.

Não deixa de ser importante o facto desta autora quando se refere a Pais separados, não significar que estejam divorciados, mas sim que não o estando, não estão unidos no casamento, o que, segundo esta autora, afecta o desenvolvimento equilibrado da criança, podendo dar desta forma origem a comportamentos desviantes.

Não me irei alargar muito mais nesta pequena, mas importante, resenha história da família. Importante porque tentei situar o facto, de que, sendo uma palavra comum e muitíssimo usada, nem sempre significa a mesma coisa para quem a está a ouvir ou a utilizar.

A verdade é que existem cada vez mais conceitos de família assentes no individualismo crescente, e não só, que vai progressivamente alterando e/ou acrescentando novos conceitos e novos tipos de família que são, muitas vezes sentidas como próprias pelos integrantes dessas mesmas famílias.

Poderemos fazer juízos de valor?

¹⁰ Op. Cit pp 18

Faz esta situação parte de um desenvolvimento social em que as sociedades, nomeadamente as ocidentais, estão inseridas, em que a velocidade e o prazer imediato estão sempre presentes?

Acabo por me reportar a Comte. “...*não se pode estudar a família separada da vida social*”, (tal como Froom que diz que o *patológico surgirá do plano social*) e portanto cada uma das famílias, e tendo em conta o individualismo, será ela própria, com as suas características próprias internas, inserida na sociedade a que pertence.

Será?

Para analisarmos a lógica destas mudanças sociais (evolução?) a qual muitas vezes é apelidada de crise da família que como diz Ubieto “...sempre escondem algo implícito; a ideia de que havia (teria havido no passado) uma harmonia no âmbito doméstico” (Ubieto 2007) e de facto, como salientamos anteriormente, a harmonia era muitas vezes falsa e/ou assentava numa autoridade inquestionável do Pai, muito mais fruto do medo do que do respeito.

No entanto, como em todas as questões é perigoso generalizar, pois haveria famílias harmoniosas assentes no respeito e no amor, tal como hoje acontece no universo de que estamos a falar de famílias.

De qualquer forma, teremos de nos perguntar, tendo em conta as enormes alterações das estruturas familiares, desde logo o acesso quase generalizado das mulheres ao mercado de trabalho,¹¹ quais serão as consequências que terão estas alterações nos vínculos entre pais e filhos, sejam eles de carácter afectivo, social ou educativos?

“Uma criança antes não se perguntava o que era uma família; estava claro para ela que 90% das famílias eram como a sua e o resto – salvo alguma “normal” mas com algum drama na sua história (viuvez) – eram “raras” (protestantes, mães solteiras...)...” (Ubieto, 2007).

Sabemos como vimos anteriormente que hoje não é assim, existe uma enorme diferenciação das famílias, com as quais as crianças vão convivendo com maior ou menor dificuldade e os obriga a fazerem perguntas mais ou menos persistentes aos seus parentes.

A velocidade da vida hoje em dia reflecte-se também no casamento que não sustenta tempo para a superação de eventuais dificuldades. Temos que viver “bem e depressa” não há tempo para superar frustrações e os objectivos são para se concretizarem rapidamente.

O casamento passou a ser mais um objecto de consumo.

Não deixa de ser curioso, no entanto, o facto de os namoros serem prolongados, em que de facto a intimidade é total, seja em casa dos Pais dela, seja em casa dos Pais dele, e, no entanto, ainda há um mercado grande e dispendioso para os casamentos ditos de “sonho”...

¹¹ Nota: Em Portugal, passamos de cerca de 10% de Mães trabalhadoras em 1974, para mais de 90% actualmente. Portugal é dos Países com mais mulheres trabalhadoras da Europa.

No entanto ao contrário do que sucedia não há muitos anos atrás, os noivos são os últimos sair da festa...

Porque será?

Será porque já não existem novidades entre eles? Mas será só isso? Haverá ainda uma libido forte, uma paixão? Ou o casamento acontece, muitas vezes, porque sim?

Nestas minhas reflexões surge-me sempre uma pergunta: onde ficou a autoridade paterna? O que é que aconteceu? Quais as consequências?

Problemas na clínica, contra exemplos

A verdade é que em termos de “senso comum” há demasiados mitos em relação aos problemas clínicos que podem surgir quando as famílias não são “estruturadas” como se espera que sejam.

Este “*esperar que sejam*”, tem muito de pessoal, isto é, tem a ver com aquilo que o investigador o clínico ou as pessoas comuns têm, para si próprias, do conceito e uma família “estruturada” (uma boa família ou uma família normal) desta forma parece haver surpresa quando se constata que tanto surge patologias em famílias ditas “normais” como nas “não normais”. Da mesma forma constata-se que não surgem patologias em muitas famílias ditas “não normais”, mostrando que não será o “tipo” de família por si só que determinará a saúde mental do seu agregado, mas sim, as inter relações internas e/ou de ambiente dessa mesma família.

Naturalmente que estas posições desenvolvem muitas vezes posições cépticas na comunidade científica em particular e na comunidade em geral.

Há de facto a tendência para de alguma forma responsabilizar a família dos “males” de que algum membro desta padeça. Mas, a verdade é que os estudos de contra exemplos vão mostrando que muitas vezes não é assim.

Na verdade, os resultados apresentados por Deborah Fleischer e Germán Garcia, no seu trabalho que temos estado a referenciar, “Clínica de las transformaciones familiares” demonstram que não se pode determinar uma relação causa – efeito, porque entre a causa e o efeito estão a repressão, as resistências e a responsabilidade do sujeito, tal como dizia Freud em 1899 “entre a percepção e a consciência está o inconsciente.”¹²

Na verdade nenhum dos pacientes apresentados teve um diagnóstico de psicose e assim sendo tal como diz Lacan se não são psicóticos é porque de alguma maneira o Pai funcionou...

¹² Pp. 32

A questão do Pai.

Temos hoje promulgado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), os direitos internacionais das crianças.

Assim, deixou de ser a Mãe/Pai, ou a família a cuidar dos seus filhos para ser a justiça.

As concepções que uma qualquer família teria para a educação dos seus filhos ficam assim completamente subordinadas à lei.

Desta forma passou a falar-se de abusos ou mau trato quando, alguém ou uma qualquer organização, considera que aquela criança não está a ter um tratamento por eles considerado correcto, ou seja dentro dos tais padrões considerados pela (OMS).

Em relação ao Pai, este vai sendo progressivamente ignorado, não só pelas Leis (a tradição jurídica em caso de divórcio é, na maioria dos casos, a de atribuir a custódia dos filhos às Mães) mas também do seu papel educativo e de, sobretudo, de alguma autoridade no seio da família.

De tal maneira que Eric laurente (1998) diz que os Pais são uma espécie em vias de extinção...¹³

É bom de compreender estas mudanças.

De facto, como vimos na introdução e na pequena história das famílias apresentada anteriormente, esta teve nos últimos anos uma enorme evolução que surge com a independência das mulheres.

Primeiro com a independência sexual, com o advento da pílula anticoncepcional (para mim a maior revolução do século XX...) e, depois, com o acesso da mulher ao mercado de trabalho que lhe foi dando a independência económica.

Mais, este acesso ao mercado de trabalho e o acesso ao “amor livre” tirou as mulheres de dentro de casa, abrindo-lhes finalmente o mundo que até aqui era fundamentalmente dos homens. E, neste mundo, incluímos a educação a cultura as viagens, o acesso, enfim, a tudo aquilo que há bem poucos anos atrás não tinham.

Hoje, as Universidades Portuguesas formam mais do dobro de raparigas em relação aos rapazes...

Claro que estas transformações teriam de ter grande influência no seio das famílias. E, provavelmente, algumas consequências.

¹³ Op. Cit pp 32

Dado que se acusa a família tradicional de ter confiscado o sexo, e tendo em conta as actuais transformações, será que podemos manter esta afirmação hoje em dia?

Parece-me que sim, sobretudo em sociedades como a portuguesa, que vive numa permanente contradição geradora de angústia. É que por um lado, a mulher evoluiu no sentido da sua independência, mas por outro, a família de onde veio, mantêm os valores ditos tradicionais e o poder do PAI! (no sentido de poder “absoluto”...)

O que leva a desvios e transformações.

No entanto nestas questões da família, se uns advogam a sua extinção, pura e simples, outros não, advogam a sua alteração, com uma paridade de papéis entre a mulher e o homem (marido e mulher). O que significa no entanto, ou deve significar, que havendo igualdade não significa que *não* haja diferenças entre o homem e a mulher.

Guiddens¹⁴ refere-se a “Pais tóxicos” referindo-se aqueles que de alguma forma abdicaram da sua responsabilidade em relação aos filhos em contraponto com os “Pais controladores” dizendo que este tipo de toxidade uma vez é mais subtil outras mais brutais.

Mas para mim a questão é outra.

Poderiam os Pais, com a mudança brutal do conceito de família e com o advento do consumo ilimitado – tudo é consumível, todos somos consumidores – e do individualismo em que foi assentando o capitalismo moderno em que a felicidade é medida pelo número de bens de consumo que cada um tem? Manter o “poder do Pai” tal qual eu o conheci por exemplo?

É possível limitar a descoberta do GOZO?

Reparemos que até pelas normas da justiça, quando se tem que tomar medidas de separação dos filhos em relação aos Pais se mede muitas vezes a qualidade de vida das crianças pelo número de brinquedos de que dispõem, pela qualidade da habitação, pela higiene etc. E muito pouco pela qualidade e quantidade das relações inter familiares, de como se relacionam e como é estabelecido a relação dialógica entre os diferentes membros da família.

Poderemos afirmar que as famílias ciganas não têm uma relação com os seus filhos de proximidade amor e respeito? Apesar de podermos não estar de acordo com a sua cultura e a sua forma de vida mais ou menos nómada?

Como diria Bowlby, “ **A energia que o homem e a mulher dedicam à produção de bens materiais aparece quantificado em todos os nossos índices económicos. A energia que um homem e uma mulher dedicam à produção, na sua própria casa, de filhos felizes, saudáveis e seguros de si mesmos, não conta para nada. Criamos um mundo ao contrário.**” (Bowlby, 1988)

¹⁴ Op. Cit pp 78

Regressando ao Pai, poderemos hoje, e seguindo mais uma vez a leitura da obra que tenho estado a citar, elencar de alguma maneira as transformações e os desvios que foram produzidos em relação à família.

Assim:

- a) Mudou a concepção do que é um Pai.
- b) Mudou as concepções ligadas à maternidade e à sexualidade feminina.
- c) O casamento, a sua durabilidade as suas regras as suas responsabilidades
- d) O conceito de geração
- e) A família moderna
- f) As instituições que complementam a família.

Estas mudanças, é preciso não esquecer, foram muitíssimo rápidas, quase me atrevo a afirmar que hoje, na sociedade portuguesa, teremos famílias a várias velocidades e com diferentes conceitos de vida conjugal e doméstica consoante vivam no campo, nos subúrbios das grandes cidades, nas pequenas cidades ou nas grandes urbes. E mesmo em cada uma delas, tendo de ter em conta ainda as diferenças culturais, económicas e de instrução.

É bom lembrar, o que já foi aqui afirmado anteriormente, sobre o impacto da entrada da mulher no mercado de trabalho, mas também das alterações da moral sexual, em que por exemplo, a virgindade deixou de ter a importância que tinha na escolha da mulher para o casamento, que parecendo algo de simples, não é, e consubstancia uma grande alteração das mentalidades, nomeadamente dos homens.

É claro que não são dramáticas estas alterações sociais, (se não só pela velocidade em que se têm efectuado) cada geração teve que enfrentar desafios que se lhes foram colocados, estamos actualmente a enfrentar um desafio que, se poderá (?) resumir a uma pergunta; que família?

Que função para o Pai?

Quero ao iniciar este capítulo, reflectir embora de forma simples sobre o princípio do prazer.

Este princípio é por vezes “esquecido” da literatura psicanalista na resposta a alguns comportamentos. Na verdade, sendo esta procura de prazer a pulsão mais importante, segundo Freud, para a regulação dos processos mentais, que melhor campo para o desenvolvimento, sem regras, deste princípio do que aquele em que estamos a viver do quero/tenho? Isto é; do consumo desregrado e do individualismo em que o papel do Pai, que como veremos à frente é fundamental

na resolução do Édipo, vai sendo posta em causa, mas também a necessidade de moderar da tendência natural da mulher/mãe de tudo ceder ao filho. Estas questões foram sendo postas de lado no seio da família e, por isso mesmo, provavelmente nem se desenvolverá, concomitantemente com o princípio do prazer, o princípio da realidade.

Mas a realidade que as famílias hoje vivem, não será muito próxima daquelas referidas anteriormente? Como se poderá entrar no princípio da realidade se não se cria de alguma maneira a frustração e o desenvolvimento da resistência a essa mesma frustração? (tantas perguntas...)

Mas vejamos o que diz Freud...

“Não hesitamos em pressupor, na teoria psicanalítica, que o curso dos processos mentais é regulado de forma automática pelo princípio do prazer (*Lustprinzip*), por outras palavras, entendemos que este princípio é accionado por uma tensão desagradável, tomando então o rumo cujo resultado final coincide com uma redução dessa tensão, seja pela geração de prazer, seja evitando o desprazer.” (Freud, 2009)

Nesta sua sabedoria infundável, Freud dá-nos a perspectiva da necessidade que o humano tem do prazer. Esta necessidade é tal que regulariza os processos mentais. Assim, o ser humano é motivado e levado à procura do prazer pois, segundo Freud, ela faz parte automática dos processos mentais. Mas atenção, é que, ainda segundo Freud “ “Sabemos que o princípio do prazer é adequado para um modo de funcionamento primário do aparelho mental, mas que desde o início se revela inútil ou mesmo altamente perigoso para a subsistência do organismo no seu confronto com os obstáculos do mundo exterior. Sob a influência dos instintos (*Triebe*) de auto conservação do ego, o princípio do prazer será substituído pelo *princípio da realidade* (*Realitätsprinzip*) que, sem abdicar do intuito final de obtenção de prazer, ainda assim exige que a satisfação seja adiada, que se renuncie a várias possibilidades de contentamento e que, no grande desvio que conduzirá ao prazer, se tolere algum tempo de desprazer.” (Freud, 2009)

Isto é: é necessário que desenvolva a resistência à frustração.

“O desenvolvimento do indivíduo é determinado segundo o programa estabelecido pelo princípio do prazer, ou seja, o atingir da felicidade, e agarra-se firmemente a este objectivo principal; a incorporação de um indivíduo como membro de uma comunidade, ou a sua a sua adaptação a ela, parece condição inevitável que tem obrigatoriamente que ser preenchida antes de ele conseguir atingir esse objectivo de felicidade. Se o conseguisse atingir sem cumprir esta condição, talvez fosse melhor. Para expressarmos de uma maneira diferente, poderíamos dizer: o desenvolvimento individual parece-nos o produto da acção recíproca de duas tendências, a luta da felicidade, geralmente chamada *egoísta* e o impulso de se unir a outros na comunidade, à qual chamamos *altruísta*.” (Freud, 2005)

Está sempre presente no pensamento de Freud, parece-me, a posição sem a qual algo falha, isto é: por um lado o princípio do prazer, mas por outro lado o princípio da realidade. Assim, na procura da felicidade o sujeito vai tendo sempre uma espécie de encontro dicotómico; o

individual, egoísta e o colectivo o outro, o possível...Pois como diz Freud, “No desenvolvimento individual, como dissemos, a tónica vai para a tendência egoísta, na luta pela felicidade; enquanto a outra tendência, que poderá ser chamada de *cultural*, contenta-se normalmente por impor restrições.” (Freud, 2005)

Pois, parece residir aqui o princípio de alguns dos problemas clínicos que nos vão aparecendo, desde logo o da tolerância à frustração “...sem abdicar do intuito final de obtenção de prazer, ainda assim exige que a satisfação seja adiada...” mas também a necessidade de que o princípio do prazer seja substituído pelo princípio da realidade. Que é muitas vezes consubstanciada pelos factores culturais, sejam eles do interior da família, da Escola ou da sociedade em que esta está inserida.

Mas não posso deixar de perguntar qual realidade? Que realidade encontra a criança no seio da família? Ela encontra uma realidade em que o sofrimento, desde logo da frustração, deve ser evitado, aliás, todos os sofrimentos, a criança é super protegida e assim, dificilmente esta perceberá e acederá ao princípio da realidade. O de que a Mãe pertence ao Pai se, aquela e o pai não o fizerem sentir vivendo a sua vida como mulher/amante do marido Pai. Como veremos à frente.

Aldo Naouri, médico pediatra, que escreveu recentemente o livro “*Educar os filhos – uma urgência nos tempos que correm.*” A propósito da frustração afirma numa entrevista há notícias magazine em 03 de Maio de 2009, “Para viver em sociedade é preciso ter experimentado a frustração. É preciso ter compreendido que não se pode ter tudo. O problema é que se confunde frustração com privação.”

De facto, na minha sociedade, é vulgar ouvir os pais a dizerem que querem “dar ao/s filho/s tudo aquilo que não tiveram.” Ora bem, reside aqui uma grande confusão entre gerações, os Pais foram vítimas, não tanto de frustrações mas de privações, e desta forma não sabendo discernir entre uma coisa e outra acabam por “dar tudo” não dando o mais essencial, que é o carinho (mimo) e a afeição manifesta, confundindo estas manifestações com, mais uma vez, o “dar tudo”.

Dr. Eu dei tudo ao meu filho, onde falhei?

É uma queixa recorrente nos nossos consultórios...

As crianças assim educadas, “recusam-se a crescer, mantendo-se bebés por toda a vida e “Um bebé é um indivíduo que não tem consciência da existência do outro, exige que a mãe seja só dele, recusa esperar, recusa reprimir as suas pulsões.” (Naouri, 2009)

Tendo em conta o princípio do prazer que temos estado a tratar é importante não esquecer que “O primeiro despontar da sexualidade infantil, dada a impossibilidade de reconciliação dos desejos com a realidade, e dado o grau de desenvolvimento ainda insuficiente da criança, estava à partida destinada a sucumbir.” (Freud, 2009) A verdade é que a sujeição do princípio do prazer

ao princípio da realidade devem estar presentes nas relações entre Pai/Mãe e filhos em que a Mãe pertence ao Pai e este será (é) na construção simbólica do filho (o significante) o símbolo fálico da família.

Muitos autores, entre eles, Pierre Legendre,¹⁵ chamam a atenção para a ameaça que existirá num mundo em que o pai não funciona já que a psicose é a consequência directa.

Defende este autor, que no funcionamento genealógico há uma lógica de filiação e que o enfraquecimento do Pai nos nossos dias, produz a imaturidade nos dois sexos e Pais não separados das suas próprias Mães.

Nota pessoal: a questão da filiação é uma questão pouco conhecida na literatura científica, há muitos trabalhos sobre a vinculação (apego) mas poucos sobre a afiliação na minha opinião.

Na verdade já Françoise Dolto, dizia: “ Se é verdade que o laço Mãe – Filho é a experiência fundamental que inicia o filho do homem à sua existência, é preciso também dizer que a *diade* Mãe – Filho (segundo a expressão do Dr. André Berger¹⁶) apenas terá sentido estruturante para a criança se a Mãe, ou mulher que fizer de Mãe, for uma mulher, quero dizer, se ela conservar e continuar a desenvolver interesses primordiais pela sociedade dos adultos e, mais particularmente, o atractivo físico e emocional pelo seu cônjuge e pelos seus outros filhos.” (Dolto, 1999)

De facto, se a Mãe ou o Pai, deixarem de ser humanos, no sentido das qualidades defeitos e necessidades próprias, para serem simplesmente Pais, vivendo, não a sua vida, mas só a vida dos seus filhos, anulando-se, sucederá que teremos crianças imaturas e, provavelmente, incapazes de construir eles próprios uma vida independente dos seus progenitores. “Se a mãe não viver se não para o seu filhos ou os seus filhos, e se for a função da mãe (o mesmo se passa com o pai) que acabe por se tornar a motivação dos actos dos pensamentos dos adultos, essa criança ou essas crianças serão pervertidas por essa relação exclusivamente dual que fará delas, sem dar por isso, amuletos erotizados substitutivos do cônjuge.” Dolto (1999).

Para Lacan, a psicanálise devia libertar a nostalgia do pai, no entanto, ao contrário daqueles que põem em causa o complexo de Édipo (pós Freudianos) Lacan não postula que se desembarace a nostalgia do Pai fazendo-o cair do seu lugar. Para ele o Pai é necessário porque no centro da linguagem existe um vazio da referência, ou seja, a figura do Pai está ali para mascarar o vazio de referência. Ele aponta para a inexistência hoje de um modelo universal mas sim uma “pluralização do nome do Pai”.

¹⁵ Op. Cit pp 35

¹⁶ O dr. André Berger foi um dos fundadores do centro Claud-Bernard onde F. Dolto dava consultas nos anos 50.

É extremamente importante este postulado de Lacan, pois, na verdade, hoje em dia, teremos de facto uma “*pluralização do nome do Pai*” lembremo-nos da constituição de novos tipos de famílias, nomeadamente as famílias homossexuais.

Assim sendo, continuamos com o problema do Nome do Pai da sua presença ou ausência e, sobretudo, das consequências em termos de saúde mental que estas interrogações, alicerçadas nas modificações sociais, podem levantar.

Algumas destas alterações terão a ver de alguma maneira com a ética protestante que celebra mais o *bom marido* induzindo desta forma a decadência do homem viril.

Assim, o bom marido seria aquele que colabora nas tarefas familiares sejam elas domésticas, educacionais ou económicas, introduzindo assim, claramente, a igualdade entre marido e mulher dentro do casamento e fora dele. Mas atenção ao que foi dito anteriormente neste trabalho, a igualdade não pressupõe que não haja diferenças. Há diferenças entre homens e mulheres nas suas formas de sentir e vivenciar a vida em geral. E o facto de se deixar os homens sem voz, ao eliminar a ordem patriarcal que tinha dominado o casamento ao longo de séculos, criou alguma confusão e algum radicalismo, fazendo crer às mulheres que estas têm o poder todo na família.

É bom não esquecer que Lacan elogia a família moderna considerando-a uma família paternalista, nuclear, produto dos tempos modernos. Esta família consta só de Pais e filhos, se bem que existam famílias alargadas noutras latitudes.

Diz Lacan que nestas famílias a autoridade paterna está mais próxima, tão próxima que está ao alcance de uma subversão desta autoridade de forma criativa. A vantagem da proximidade da autoridade é que também é mais fácil subvertê-la. (*Los complexos familiares*) In Fleischer D. E Garcia G. (IAEU) (N.D.) 2008 (?)

É interessante fazer uma pequena reflexão especulativa sobre este ponto.

Se a família está mais próxima, é mais pequena a autoridade paterna, assim, esta autoridade será exercida de forma mais democrática, em teoria, e como tal sujeita à negociação e por isso mais facilmente subvertida.

Por outro lado, é bom não esquecer, que com a cada vez maior autonomia das mulheres elas reivindicam para si a parte da autoridade masculina que lhes terá sido, historicamente, sempre negada.

Isto é; voltamos a estar perante a reivindicação de um estatuto de igualdade dentro da família que *reformula*, se é que não anula, a chamada autoridade do Pai.

Assim, poderemos ponderar a função do Pai

Vimos anteriormente que se encontravam patologias em situações onde encontramos o “tudo é válido” o que põe em questão a opinião dos críticos que defendem que as patologias são desenvolvidas nas famílias tradicionais. Mas também encontramos casos em que se descobrem patologias severas directamente atribuíveis a este tipo de famílias ditas não tradicionais.

E o inverso, casos onde não se desenvolvem patologias em certos locais tradicionais e casos onde acontecem em famílias tradicionais.

Coloca-se a questão da arbitrariedade que é o de atribuir as patologias directamente ao Pai, pois Pai, Mãe, irmão são funções e não é necessariamente obrigatório que estas funções estejam encarnados naqueles que se denominam.

Ou seja; não me parece haver um padrão que à partida nos possa dar indicadores exactos de possibilidade ou não de patologias. As famílias relacionam-se e organizam-se de diferentes formas no seu interior e no ambiente sócio/histórico em que estão inseridos e será da qualidade destas inter – relações, nomeadamente na relação dialógica, contingente e mutuamente satisfatória/prazerosa, que se desenvolverá a qualidade maior ou menor da saúde mental nos seus membros.

A questão do *Nome do Pai* coloca-se exactamente aqui, na minha modesta opinião.

Com as modernas técnicas de procriação, com o direito das mulheres darem o seu nome de solteira aos seus filhos, que influência terá esta situação no chamado “sentimento de família”?

O *Nome do Pai* poderá ser plural, Os *Nomes do Pai*, utilizado por Lacan, por ter eventualmente outros protagonistas que não o verdadeiro Pai, um irmão mais velho, um parente, ou vizinho que, consciente ou inconscientemente (mais esta que a anterior) acaba por ter um comportamento de relação com a criança ou crianças do agregado familiar que, de alguma maneira, corresponderá ao conceito próprio da família no que diz respeito ao papel do Pai que por alguma razão, (e reporto-me ao que citei de Dolto anteriormente) este não o desempenha.

É uma situação que se vai tornando cada vez mais real, se o Pai enquanto criança, tiver sido o centro das atenções poderá acontecer como diz Dolto: “Se a criança for o centro exclusivo do interesse, fica incluída, presa no desejo da mãe a quem ela manifesta as suas necessidades”. (Dolto 1999)

Nesta situação dificilmente o Pai assumirá o “Nome do Pai” terá sempre como referência a Mãe. E é muito provável que a esposa que terá escolhido não o terá sido para ser esposa, mas para ser Mãe, tendo então também, tal como aconteceu com ele, a função do Pai que está ausente nesta relação *díade*.

A verdade é que para a psicanálise a paternidade não é colocada como um direito. É uma circunstância a que o sujeito está confrontado e que perante o qual responde com as suas perspectivas em relação ao desejo, ao gozo e ao direito, que são elementos inseparáveis.

Assim sendo não se pode, ou não se deve, partir do princípio de que a paternidade é, por si só, um bem para todos, e que todos estão preparados para essa função porque não o será de todo, depende de como cada Pai funciona tendo em conta a *tríade* atrás referida, ou seja; o desejo, o gozo e a lei.

A questão da paternidade/maternidade, desde sempre, mas hoje em dia em que há o controlo da natalidade, é uma questão sempre presente.

Quero ser Pai/Mãe, porquê?

Porque sim! Porque a sociedade assim o exige a partir de determinada idade? Ou porque se todos têm porque é que eu não tenho? Porque desejo ter um filho? Mas que sentido tem esse desejo? O sentido do gozo? O sentido do complexo de Édipo não resolvido? O sentido do direito a ter um filho tal e qual outros têm?

Por outro lado, verificamos hoje nos jovens casais, que o ter filhos virá depois de terem casa (a dos sonhos), carro, mobílias, de viajarem... ou seja, parece que os filhos são a ÚLTIMA necessidade...

Provavelmente, em benefício deles próprios e da sociedade é melhor que não os tenham.

Se há alguns anos atrás estas questões não se punham, os filhos nasciam quase aleatoriamente, hoje não, pode-se escolher ter ou não ter filhos. E esta circunstância aumenta a responsabilidade da decisão.

Na verdade, é bom não esquecer, que a psicanálise não pressupõe que seja natural que a mulher deseje um filho, pois considera que não há um desejo maternal. De facto o desejo de um filho (maternidade) é a forma da mulher sair do complexo de Édipo, (pela ausência de um pénis) segundo Freud, embora agora apareçam novas formas de identificação feminina, tais como; a frigidez, as psicoses passionais, a reivindicação da igualdade em gozar, mas por outro lado o amor romântico, a fidelidade o masoquismo, sei lá uma panóplia de situações muitas vezes contraditórias, como por exemplo, a exigência do prazer e ao mesmo tempo a frigidez, a liberdade sexual total e ao mesmo tempo a fidelidade, etc.

“O pai não é simplesmente um progenitor. É também quem possui o direito sobre a mãe. A sua função é central na realização do Édipo, e condiciona o acesso da criança – que também é uma função correlativa da primeira – ao tipo de virilidade. O que é que ocorre se se produz uma certa falta na função formadora do pai?” (Lacan 1984)¹⁷

¹⁷ In Fleischer D. E Garcia G. (IAEU) 2008 (?)

Pode acontecer e acontece muitas vezes, todos nós que fazemos clínica constatamos isso diariamente, e a comunicação social vai-nos dando conta desta situação, refiro-me a que o sujeito não consegue a realização do “*significante do Pai a nível simbólico*”

Isto é; não o constrói como modelo, recolhe a imagem a que se reduz a função paterna, que hoje em dia deixou de ter uma função de sustentação da família, de autoridade e de promotora dos valores dessa mesma família.

Parece haver uma completa ausência do Pai, mas também a Mãe, muitas vezes, ou quase sempre, não aparece como “substituta” deste, mas como o verdadeiro poder sobre o marido. Quem manda? Quem decide? Quem sustenta? A estas perguntas cada vez mais respondemos; a Mãe!

Nestas circunstâncias como pode o filho resolver o Édipo?

Mas, mesmo quando esse Pai aparece, isto é existe, no sentido dito anteriormente, este deve ser equilibrado, porque a não ser assim, se a imagem do pai for desmesurada e/ou assente no autoritarismo quando não na violência e no medo, e não na relação, no compromisso, na negociação, também aqui, na medida em que a relação permanece no plano imaginário, dual e desmesurado, não tem o significado de exclusão recíproca o que se ajuda a evitar uma confrontação forte, fica no entanto com a imaginação capturada, não permitindo dessa forma a exclusão mútua, ficando o sujeito numa posição intimidada subsistindo a relação imaginária que se instala sozinha num plano que nada tem de típico, que é desumanizada, porque exactamente não deu lugar para a relação de exclusão recíproca que permite fundar a imagem do eu na órbita do modelo, mais conseguido, do outro, conseguindo desta forma construir o seu próprio percurso independente do percurso do Pai. Embora eventualmente seguindo de alguma forma o modelo do Pai.

Segundo Lacan, a alienação aqui é radical, não está vinculada com um significado calmante como acontece de certo modo na rivalidade com o Pai, mas uma calma do significante.

Este despojar primitivo do significante será o que o sujeito irá carregar e aquilo cuja compensação terá de assumir largamente na sua vida através de uma série de identificações puramente conformistas a personagens que lhe darão a impressão do que tem que fazer para ser homem.¹⁸

Esta situação pode ser mantida por muito tempo, ou até sempre, como psicóticos podem viver compensados até descompensarem...

Não será por acaso que hoje vemos os Pais (e professores) a serem violentamente agredidos pelos filhos (alunos). Pais e Mães, quando mais idosos, a serem colocados em lares e abandonados. Em Portugal cada vez mais se vai assistindo a idosos, com filhos, que são

¹⁸ O.p Cit. Pp 79

colocados em lares e que não têm uma visita há anos... Ou, também, abandonados nos hospitais o que acontece exponencialmente durante os períodos de férias e/ou festas.

Na verdade, tal como diz Lacan, estamos muito provavelmente na “desfamiliarização” e quando isto acontece significa que há um nome que não está formulado no seio familiar: o Nome do Pai. Quando acontece este desfamiliar-se significa perder as identificações constitutivas de uma família.

Permitam-me voltar a Dolto quando diz que “ A era da “criança a peso” está em curso. Consumidora e consumida, a criança – amuleto é o novo produto da nossa civilização.” (Dolto, 1999)

Um “produto”, a criança, não tão importante como isso, pois só aparece depois de satisfeitas outras necessidades de consumo como foi referido anteriormente...

Tão desesperantes se tornam estas frases ditas nos anos cinquenta, quase premonitórias, e, no entanto, estas situações são visíveis nas consultas diárias, em que embora exista sempre presente o fantasma familiar, este é cada vez mais um mito, e constituem, ainda por cima, um pequeno obstáculo ao “vale tudo”. Pois muitas vezes (demasiadas?) a família para a criança transformou-se numa mera “mercearia” onde se vai buscar (exigir) os meios de satisfação imediata dos seus desejos, hoje em dia assentes num consumismo total que se consubstancia no “*quero – tenho*” e desta maneira o complexo de Édipo tende a confundir-se no seio da família e a não ser resolvido.

Segundo mais uma vez, Aldo Naouri, em França cinquenta por cento das decisões de compra das famílias são tomadas pelas crianças. (Naouri, 2009) Como chegamos aqui?

Estaremos no gozo, que está para além do princípio do prazer Freudiano e que é subsidiário da pulsão de morte?

Abordemos agora de forma simples e breve a *forclusão* (forclusión) do Nome do Pai que, segundo Lacan, na psicose, opera a metáfora paterna pois que o significante do Nome do Pai está foracluído.

Na verdade não se trata da ausência real do Pai, mas sim da falta de um registo com significado (significante) de uma falha simbólica. O que parece óbvio estar a acontecer em grande parte das famílias ditas modernas. Pois, no sítio onde devia estar o significante do Nome do Pai está um buraco, ou seja, nada!

E desta forma não se produz a significação fálica da metáfora paterna permitindo grosso modo, o “vale tudo”...

“No complexo de Édipo, tal como no complexo de castração, a figura do pai desempenha o papel de temível inimigo dos interesses sexuais infantis. A criança sente-se ameaçada por ele e o castigo é a castração ou, em sua substituição, a privação da vista.” (Freud 2001)

É que Freud atribuiu o mecanismo do recalque à função do Pai. Assim, o pai é o agente da castração, a identificação do sujeito em relação ao Pai mantêm-no no desejo, mas, no entanto afasta-o da atracção do objecto incestuoso.

Para Freud a angústia é o sinal do retorno do reprimido (recalcado). A Função do Nome do Pai é o que permite inscrever na psique uma explicação para a falta de gozo. O pai pelo que dissemos anteriormente, é o agente da castração.

Assim sendo, o declínio, ou até a ausência do Nome do pai da função paterna vai-nos confrontando com angústias sem a mediação do significante do Nome do Pai.

Sem esta protecção, do Pai que implica uma renúncia à satisfação pulsional, o sujeito na sociedade moderna confronta-se com uma falta de gozar que é difícil de classificar.

“Não podemos ignorar que o sentimento de culpa do homem tem a sua origem no complexo de Édipo e foi adquirido quando o Pai foi morto pelos seus irmãos. Nessa altura a agressão não foi suprimida mas continuada e é o mesmo acto de agressão cuja supressão da criança consideramos ser fonte dos sentimentos de culpa.” (Freud, 2005)

Ora bem, está sempre presente o complexo de Édipo no pensamento e na ciência desenvolvida por Freud e, muito importante, a questão da culpa!

É que, quando esta deixa de existir por forclusão do Nome do Pai, entramos, tal como preconiza Lacan na psicose, que me parece, sinceramente por todos os indicadores clínicos e sociais em franco desenvolvimento na nossa sociedade actual.

“Se o sentimento de culpa do homem recua até ao assassinato do Pai, o que é indiscutivelmente um sentimento de *remorso*¹⁹, devemos contudo supor que não havia consciência e sentimento de culpa antes do acto nessa ocasião? Se assim é, donde apareceu o remorso?...Este remorso era o resultado da primeira ambivalência dos sentimentos em relação ao Pai: odiavam-no mas também o amavam; depois do ódio ter sido satisfeito através dos actos agressivos, o seu amor expressa-se através do remorso em relação ao acto, desenvolve o superego através da identificação com o pai, concede-lhe o poder do pai para castigar a agressão realizada e cria restrições que prevenirão a repetição do acto” (Freud. S., 2005).

“Como se explica então dinâmica e economicamente que um aumento do sentimento de culpa apareça no lugar de um desejo erótico não satisfeito? Certamente que isso só pode acontecer de uma forma indirecta: a frustração de uma satisfação erótica provoca um acesso de

¹⁹ Nota: nesta obra, Freud distingue culpa e remorso, diferenciando-os dizendo que a primeira é uma culpa de algo não feito só pensado ou desejado e remorso de algo feito, executado. (Freud 2005)

agressividade contra a pessoa que interferiu com essa satisfação, e então esta tendência para a agressão tem por seu turno que ser suprimida. Portanto, no fim de contas, foi só a agressão que se modificou em culpa, ao ser suprimida e transferida para o superego.” (Freud, 2005)

Freud dá-nos aqui a importância da formação do superego e da identificação com o Pai, mas não só, mas também a da aceitação, e o desejo, do poder do Pai.

A importância do superego, como “censor” e dessa forma actuando como “consciência moral” do sujeito é muitas vezes esquecida porque provavelmente vai, grosso modo, deixando de existir a consciência moral fruto da forclusão do Pai, entrando assim o sujeito na psicose.

A questão da culpa é fundamental nos comportamentos individuais estando provavelmente alterados na sua dinâmica ou seja: existindo a culpa individual do sujeito ele tendencialmente passa-a para o outro ou outros. Afinal vivemos ainda no paradigma social da culpa (depois de termos vivido o paradigma da vergonha) quando já devíamos viver no paradigma da responsabilidade...

Esta questão é muito importante hoje em dia, é que ao contrário do que normalmente se pensa, a primeira acusação dos filhos no consultório com problemas de drogas, de violência é a acusação ao Pai de não ter dito que NÃO, quando as solicitações/exigências deles próprios não eram adequadas às suas idades e/ou circunstâncias...

Não deixa de ser curioso, que a ausência do Nome do Pai, serve depois de acusação por essa mesma ausência quando confrontados com os seus comportamentos e as suas patologias.

De facto, e permitam-me mais uma vez trazer a minha experiência clínica, a interpretação que muitas vezes faço das queixas de crianças em sofrimento, é a de um grito de socorro “NÃO ME ABANDONEM!”

Pois tal como diz Freud “ No decurso do nosso trabalho analítico descobrimos, para nossa surpresa, que talvez cada neurose esconda uma certa quantidade de sentimento de culpa inconsciente, o qual por seu turno reforça os sintomas explorando-os como castigo. Estamos agora inclinados a sugerir a seguinte afirmação como uma formulação possível: quando uma tendência dos instintos sofre uma repressão, os elementos libidinosos são transformados em sintomas e os seus componentes agressivos em sentimento de culpa.” (Freud 2005)

Este sentimento de culpa está muitas vezes bem vivo nos Pais quando trazem os seus filhos a uma consulta psicológica, não sendo por acaso que quase sempre lhes perguntam acabada a consulta; “o que é que disseste ao psicólogo e/ou o que é que ele quis saber?...”

Mas continuemos em Freud. “Se o animal-totem for o pai, então os dois principais mandamentos do totemismo, as duas regras nucleares do tabu, ou seja não matar o totem e não ter relações sexuais com uma mulher que pertença ao mesmo totem, coincidem, quanto ao seu conteúdo, com os dois crimes de que foi acusado Édipo, o assassinio do pai e o casamento com a

mãe, e ainda com os dois desejos primordiais da criança que, por não terem sido suficientemente recalçados ou por se reacenderem, constituem, talvez, a essência de todas as psiconeuroses.” (Freud, 2001)

Poderei acrescentar que pelo facto da ausência do Nome do Pai, a exclusão deste como elemento Totem, não permite que seja desenvolvido o superego, e desta forma, o sujeito não tem limites à sua necessidade de gozo que, por isso mesmo, passa a ser como que “insaciável”. Entrando no caminho da patologia (que pode ou não irromper) de uma psicose.

Tal como diz Freud “... devíamos então ser capazes de provar que o sistema totémico resultou das condições do complexo de Édipo...” (Freud 2001) E sendo o totem simbolicamente o Pai, e estando este, foracluído, provavelmente estaremos a desregular, a questão do incesto, para além da situação explicada anteriormente, em termos psicológicos evidentemente

“A ambivalência das emoções, que continua, ainda hoje, a caracterizar o complexo paterno das nossa crianças e muitas vezes se prolonga na vida adulta, estender-se-ia, também, à substituição simbólica do pai representada pelo animal totémico.” (Freud, 2001)

Parece que esta dicotomia Pai/Criança não termina nunca a não ser com o sacrifício do próprio Pai e assim para Freud “O primitivo sacrifício animal era, já, uma substituição do sacrifício humano, era a morte cerimonial do pai, logo que o substituto paterno readquiriu uma forma humana, o sacrifício animal pôde, de novo, transformar-se em sacrifício humano.” (Freud. S. 2001)

Freud, coloca a questão,²⁰ de que mesmo com o desenvolvimento das religiões que colocam novo pai simbólico, o Deus Pai, para substituir de alguma maneira o pai assassinado, mesmo assim, os dois sentimentos das crianças a de rebeldia e o de culpa não se desvaneceram e parece de facto que não pois “... que no complexo de Édipo estão reunidos os primórdios da religião, da moralidade, da sociedade e da arte, em perfeita sintonia com os dados fornecidos pela psicanálise, os quais referem ser este complexo o cerne de todas as neuroses²¹, na medida do que o nosso conhecimento, até hoje, desvendar sobre a natureza das mesmas.

É pessoalmente assaz surpreendente que estes problemas da vida psíquica dos povos permitam, eles também, uma solução a partir de um único ponto concreto, a relação filho-pai.” (Freud, 2001)

“A psicanálise revelou-nos que o animal totémico é, na verdade, o substituto simbólico do pai, tendo para tal concorrido a contradição que existe no facto de que, sendo vedado matá-lo, a sua morte é a causa de grande regozijo, e ainda que o animal é morto e depois se chora a sua morte.” (Freud, 2001)

²⁰ (Freud. S. 2001)

²¹ Sublinhado meu.

Poderemos ver aqui de alguma maneira que a “alegria” da morte do pai pode propiciar a relação com a mãe sem limites. Estando sempre presente na história da humanidade, e no livro Totem e Tabu que temos estado a citar está bem claro, a necessidade de protecção (em relação ao incesto) que o tabu tinha em relação, não só à mãe, mas a todas as mulheres do totem, obrigando os homens à exogamia.

No entanto “Interessa sobremaneira, destacar aqui o facto de que as primeiras restrições geradas pela introdução das classes matrimoniais terem posto entraves à liberdade sexual da geração mais nova, ou seja, ao incesto entre irmãos e irmãs e entre filhos e suas mães, enquanto o incesto entre pais e filhas só foi abolido por alargamento posterior daquela medida.” (Freud, 2001)

A questão do incesto está sempre presente na história da humanidade e não é tão rara assim ainda hoje, pois somos frequentemente alertados para violações entre pais e filhas e entre irmãos na comunicação social.

E também não será por acaso que antropólogos, como foi referido na introdução, prevejam já para um futuro próximo a reivindicação deste tipo de famílias.

Porque será que este instinto, tão enraizado teria de ser reforçado por uma lei que proíbe inequivocamente o incesto? Porque segundo Freud, há que abandonar a concepção de que haveria um horror instintivo do humano em relação ao incesto, não é verdade até porque: “...as primeiras moções de carácter sexual dos jovens são, normalmente, de natureza incestuosa e essas mesmas noções, quando reprimidas, têm um papel, que não é de desprezar, como forças motivadoras de posteriores neuroses.” (Freud, 2001) Não nos esqueçamos nunca do “princípio do prazer” que, como referido anteriormente, é fundamental no desenvolvimento mental dos sujeitos, e cuja não evolução para o princípio da realidade, fundamental para um desenvolvimento saudável do princípio do prazer, exige leis que limitem aquilo que vá para além deste princípio, isto é, que limite o “vale tudo”.

E no entanto, “Não poderia apontar necessidade mais forte durante a infância do que a protecção do pai.” (Freud, 2005)

Podemos assim ter a noção da importância desta relação, filho-pai, que se foi, por circunstâncias sociais, políticas e económicas alterando a uma velocidade impossível de interiorizar e adaptar pela nossa cognição, que desse um sentir e um agir em conformidade e desta forma, de alguma maneira, proteger em termos de saúde mental os nossos concidadãos.

No livro também aqui referenciado, “A civilização e os seus descontentamentos” Freud a dada altura, pp 21 coloca o seguinte: “A pergunta, “qual é o propósito da vida humana?” (Freud,2005) Referindo que esta pergunta já foi colocada inúmeras vezes e, apesar disso nunca terá recebido uma resposta satisfatória. Mais à frente, diz que os humanos se esforçam por obterem a felicidade, querem ser felizes e, muito importante, permanecerem assim.

Diz então Freud que: “Há dois lados nesta luta, um positivo e outro negativo; um lado aponta para a eliminação da dor e do mal-estar e o outro para a experiência de prazeres intensos. No seu sentido mais restrito, a palavra *felicidade* só diz respeito a este último lado. Embora as actividades humanas se bifurquem em duas direcções – correspondendo a este duplo objectivo – nas quais visam a realização, ou predominantemente ou mesmo exclusivamente.

Como vemos, é simplesmente o princípio do prazer que traça o programa do objectivo de vida.” (Freud, 2005)

Quase dá vontade de dar os parabéns aos homens do Marketing, que criando necessidades que de facto não existem, na lógica do princípio do prazer, desenvolveram a sociedade de consumo em que o consumo é uma “necessidade” que nunca é satisfeita. E, esta questão, entrou no quotidiano da família, que perdendo pelas razões atrás já várias vezes referidas, as referências paternas, deixou de alguma maneira que os filhos se transformassem em “meros” consumidores de felicidade ao “metro”, isto é: medida pela quantidade de prazer que se tem em cada compra que se faz.

Não podia de facto haver quem pusesse limites nesta mal orientada procura do “princípio do prazer” por ser imediato e constante não dando azo, sem uma enorme frustração para o qual as crianças não estão preparadas (são eternos bebés...) ao princípio da realidade.²² A verdade é que “Se o homem se sente feliz, fugiu simplesmente à infelicidade ou às dificuldades. Em geral, a tarefa de evitar o sofrimento atira para segundo plano a de obter a felicidade.” (Freud, 2005)

Mais palavras para quê? Em Freud esbarramos simplesmente com a verdade actual e com as respostas que muitas vezes nos fazem doer...

Ao jeito de conclusão

Neste trabalho fizemos um longo percurso, desde a introdução, onde foram apontadas as grandes linhas deste artigo, reflectindo nas enormes mudanças que aconteceram em Portugal nos últimos trinta anos, mas também no mundo e, de alguma maneira, apontando para algum preço a pagar em termos de saúde mental.

Em seguida abordamos com alguma profundidade as questões históricas referentes às diferentes concepções da família, perguntando-nos de que se estava a falar quando se falava de famílias. Na verdade hoje em dia as famílias vão surgindo de formas diferenciadas e, muitas vezes alternativas, da chamada família tradicional. Podendo ainda vir a haver evoluções surpreendentes e para a qual os psicólogos têm de estar atentos. Referindo Engels, que, se me é permitido, teve sempre uma visão em relação à família quase premonitória da evolução que ela iria ter nos séculos seguintes e fê-lo com grande realismo.

²² É ver a quantidade de famílias hiper endividadas que, inclusivamente, vão deixando de pagar as suas habitações...

Vimos também, as diferentes concepções que se “digladiam” no interior da comunidade (?) homossexual, em relação às famílias homossexuais. Um(a)s criticando o facto de elas agirem e funcionarem como uma família tradicional heterossexual e outras, desejando pelo contrário que estas famílias homossexuais fossem diferentes não só no seu funcionamento como na sua postura em relação à sociedade formando uma comunidade com as suas regras e culturas próprias.

Referimos ainda o movimento anti psiquiatria que vai aumentando cada vez mais embora de forma “surda” (pelo menos em Portugal quando falamos com neurologistas...) e que vai ganhando também o seu caminho.

Não podíamos deixar de referenciar a defesa da família tradicional, consubstanciada em diferentes autores de diferentes orientações psicológicas e sociais.

Abordamos ainda, de forma muito breve, os contra exemplos clínicos. A nossa área está cheia de mitos e “verdades irracionais” e incontestáveis, e não é assim!

Sabemos cada vez mais que a saúde mental depende de inúmeros factores em que a família é só um deles. Importante, talvez, mas só um deles.

Entramos em seguida no âmago do trabalho, a questão do Pai.

Aí, começamos por referir o peso actual das normas jurídicas que condicionam as famílias na educação dos seus filhos. Fizemo-lo sem juízos de valor. Referimos em seguida o princípio do prazer que condiciona a nossa procura de felicidade e que deve ser substituído pelo princípio da realidade (Freud, 2009) Referimos Eric Laurente, que diz que os Pais são uma espécie em vias de extinção.

Permitam-me especular um pouco em termos desta frase: a verdade é que com a natalidade medicamente assistida, pelas mais variadas fórmulas, não é de todo absurdo reflectir sobre essa possibilidade. A necessidade do homem passaria por um banco de esperma, nada mais...já hoje, muitas senhoras homossexuais recorrem a estes bancos, nomeadamente em Espanha, para terem os seus filhos. Não vejo qualquer ilegitimidade neste acto, se for um acto de amor, não só há sua companheira mas também, e sobretudo (?), há criança que aí vem.

O problema pode ser outro, quando as duas senhoras querem cada uma ter o seu filho. E isto está a suceder. O que pode dar “força” aqueles que advogam a extinção da família pura e simplesmente.

Estamos perante a ausência total do Pai, no sentido de género masculino, que é o objecto deste trabalho.

Elencamos ainda algumas transformações que se foram produzindo em relação à família. Chamamos a atenção para Dolto. F. No que diz respeito às relações que se estabelecem

demasiado simbióticas entre Mães e filhos (Pais também). E da necessidade de se manterem humanos no sentido dos defeitos e virtudes vivendo a sua vida e não a dos seus filhos.

Entramos depois na **função do Pai**, abordando com muita atenção Lacan, o Nome do Pai, citando-o numerosas vezes.

A forclusão e as suas consequências **a psicose!**

“A posição do sujeito neurótico se produz por meio de uma afirmação (*bejahung*) do valor do Nome do Pai como metáfora do desejo materno. A posição do sujeito psicótico resulta da forclusão (*verwerfung*), isto é, uma não-aceitação primordial do valor metafórico do Nome do Pai.” (Santos C. 2001)

Referimos em sequência, Aldo Naouri, um médico Francês que alerta para a ausência do Pai no seio das famílias e da sua necessidade. Curiosamente, ou talvez não, vão aparecendo livros como “O pequeno ditador – da criança mimada ao adolescente agressivo”, de Javier Urra e artigos como o meu, “Papás “multibanco” ou vinculação versus afiliação”²³o que não será por acaso.

Chamamos também a atenção para a necessidade de ter um filho que como sabemos está associada à resolução do complexo de Édipo por parte da menina e que hoje em dia, fruto de uma procura permanente de objectos de consumo se coloca o ter um filho depois de muitas outras prioridades. Parecendo assim que de facto o complexo de Édipo e concomitantemente o de castração não estarão de todo resolvidos.

Entramos depois em Freud, indo às origens, onde parece tudo começar em Totem e Tabu (2001).

E aí percebemos que o sentimento de culpa do homem recua até ao assassinato do Pai e que este sentimento de culpa não é mais do que um *remorso* por aquele acto.

De facto “A psicanálise revelou-nos que o animal totémico é, na verdade, o substituto simbólico do pai, tendo para tal concorrido a contradição que existe no facto de que, sendo vedado matá-lo, a sua morte é causa de grande regozijo ainda que o animal é morto e depois se chora a sua morte. A ambivalência de emoções, que continua, ainda hoje a caracterizar o complexo paterno das nossa crianças e muitas vezes se prolonga na vida adulta, estender-se-ia, também à substituição simbólica do pai representado no animal totémico.” (Freud, 2001)

O pai está sempre presente numa dicotomia de sentimentos como referimos atrás. Por um lado um sentimento de amor e ternura e, por outro, um sentimento de raiva e ódio. Isto porque o Pai é o “dono” da Mãe e dos seus favores sexuais. Mas “Um dia os irmãos expulsos juntam-se, mataram o pai e comeram-no, acabando assim com a horda patriarcal.” (Freud, 2001)

²³ Referido na bibliografia

Permitam-me nesta espécie de conclusão especular um bocadinho...

E se o que se está a passar, for um retorno às origens “tribais/selvagens”?

Assim, a ausência do Pai, a sua foraclusão, fruto de as sociedades modernas verem-se confrontadas em pouco mais de cinquenta anos com mudanças, que foram substancialmente aceleradas nos últimos anos, que eram impensáveis há muito pouco tempo atrás.

As mudanças foram de tal modo rápidas que fizeram alterações substantivas entre aquilo que viveram os pais e aquilo que estão a viver os filhos hoje em dia.

Numa sociedade como a minha, em que “... se saiu do carro de bois para o Mercedes benz” (Cerqueira, 2006) em trinta anos, é preciso entender que estas mudanças tiveram grandes repercussões em termos de saúde mental, mas também (decorre da anterior) de congregação social, criando grandes desfasamentos em termos sócio/económicos e sociais, da qual se está a pagar caro actualmente, como referi no corpo do trabalho, com o aumento da violência entre filhos e pais e o abandono dos nossos idosos. Idosos estes que de alguma maneira se tornam estorvos à nossa procura incessante do consumo, seja ele de bens, seja ele sexual.

A sociedade actual cada vez tem menos referências colectivas, mas sim individuais, faz tu mesmo, numa solidão que se vai aprofundando e sendo substituída pela comunicação virtual por via do “chates” nos computadores e nos programas de promoção de relações virtuais. (second Life)

E esta situação está a acontecer de uma maneira geral em todo o mundo ocidental a que pertencemos, e queremos pertencer, está a acontecer com mais ou menos gravidade.

Em Tóquio, no Japão, já estão mais de um milhão de pessoas (jovens) fechados no quarto, alguns há anos...

É que o consumo passou a ser o ómega e o alfa da vida das pessoas, e neste caso é o consumo virtual, em que as próprias religiões foram sendo progressivamente postas em causa pela ciência e pela medicalização das sociedades, também estas, ciência e medicina, alvo e objectivo do consumo.

Nesta situação onde fica o Pai, dentro da família? Foi também ele “consumido”?

Já vimos que foi em muitas famílias foracluído mas será que tal como em “Totem e Tabu” “assassinamos” o Pai? Para por esta via podermos aceder a todo o Gozo, sem limites e sem culpas/remorsos?

Poderemos estar a concluir, a fechar, um ciclo civilizacional?

No entanto, se calhar pelas mesmas razões invocadas por Freud em Totem e Tabu observamos que as religiões, em determinadas sociedades, voltam a crescer e a ter uma preponderância que tinham vindo a perder, nomeadamente nos Estados Unidos e nos países árabes, com manifestações, de novo perigosas, de alguma radicalismo fundamentalista, onde novamente a mulher é brutalmente afastada, e reduzida à sua função de procriadora da família...

É fundamental, no desenvolvimento da criança, O Nome do Pai, que não se reduz à pessoa do pai, como foi dito anteriormente, por isso é O Nome do Pai que é tão só um efeito de linguagem, mas muitíssimo importante no desenvolvimento da saúde mental da criança.

“Assim, o pai exerce uma função que tem várias dimensões e que podíamos desenvolver num certo jogo dialéctico com o próprio termo tomando-o como um acróstico: P.A.D.R.E. (em Espanhol)

P: a do Não, a função de Proibir o excesso de gozo

A: refere-se a escuta ao Acompanhamento em relação à falta do outro

D: a terceira que podemos cifrar como a da necessária Desimulação da sua vigilância já que o Pai deve proibir, mas também permitir uma certa transgressão e para isso ele deve saber fechar os olhos quando convém. Uma vigilância permanente não permite ao filho humanizar os seus desejos.

R: O R é a letra do vazio necessário tanto na frustração como na procura do amor está assegurada sempre por razões de estrutura e o Pai aparece, em ponto, como ele não sabe e deixa assim espaço para as invenções subjectivas.

E: A quinta é relacionada com o de Estilo, a sua maneira particular de SER a vida, a sua versão particular do modo que orienta o gozo e as relações homem – mulher. (Ubieto, 2007)

Que tarefas monumentais e que importância para a família e para os filhos tem o Pai! E quando isso não acontece, como concluímos ao longo do trabalho, as doenças mentais e nomeadamente, as psiconeuroses e as psicoses, aí estão a dar a resposta, e a ocupar pela negativa um lugar cada vez mais importante em termos de saúde pública, com um aumento crescente das psicopatologias e, também do aumento das aberrações sexuais, nomeadamente a pedofilia

Todas as civilizações viveram os seus apogeus e a sua decadência.

Assim, “Se a evolução da civilização tem uma similaridade de grande alcance com o desenvolvimento de um indivíduo, se os mesmos métodos são utilizados em ambos, não se justificaria o diagnóstico que muitos sistemas de civilização – ou época dela – possivelmente mesmo a totalidade da humanidade – se tenha tornado *neurótica* debaixo da pressão das orientações civilizadoras?”

E debaixo desta pressão consumista, da forclusão do pai, do individualismo total, não poderemos estar a desenvolver uma sociedade psicótica?

Volto a perguntar não será necessário “assassinar” o pai para fechar o ciclo e reiniciar um novo ciclo civilizacional?

Estaremos tão longe disso que esta especulação não passe disso mesmo, uma especulação sem sentido?

Mas tal como diz Ubierto, todas as sociedades têm as suas crises, estas sempre existiram, por isso, não faz sentido estar demasiado preocupado, pois, mesmo na remota possibilidade do tal fecho de ciclo, que eu coloco, outros caminhos, outros ciclos, surgirão e também eles, portadores dos seus próprios problemas.

A saúde total não existe, e duvido que alguma vez venha a existir.

Penso sinceramente ter dado algumas respostas às minhas interrogações (que são muitas e permanentes) mas gostaria de chamar a atenção de que não sou um homem de tese – no sentido de preposição a demonstrar – isto é; não me considero com vocação para investigador.

Sou mais alguém de reflexão e de ensaio.

Penso ter dado um contributo de reflexão, pequeno embora, sobre as questões da família em geral e do Pai no interior da família em particular, sob a perspectiva de Freud e Lacan, recorrendo no entanto a outros autores e trabalhos que fui referenciando ao longo deste artigo.

Lembro que como auxiliar fundamental para a elaboração deste artigo recorri a Fleischer, Deborah e García, Germán. Clínica de las transformaciones familiares, (nd) I.A.U.(instituto de altos estudos universitários), 2008 (?) E também ao estudo, de Freud e Lacan para além de outros autores devidamente referenciados.

Temos necessidade urgente de investigação nacional que analise, reflecta, destaque e saliente as nossas idiosincrasias sociais, pois das quais dependem muito os nossos diagnósticos e prognósticos em termos de saúde mental, mas que essa investigação tenha um suporte prático, isto é, ligado à clínica quotidiana, pois o academismo em Portugal, infelizmente é muitas vezes, demasiadas, uma mão cheia de nada e outra cheia de coisa nenhuma.

BIBLIOGRAFIA

Bowlby, John, (1989) “Una base Segura – Aplicaciones clínicas de uma teoria del apego” , Paidós, Espanha

Cerqueira, Victor. 2006, *Papás "multibanco" ou vinculação versus afiliação*, Web site: <http://www.psicologia.com.pt>.

Dolto, Françoise, 1999, *As etapas da infância. A relação entre pais e filhos. Do nascimento aos 4 anos*, Pergaminho, Lisboa,

Engels, Friedrich, 1884, *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. De Web site: <http://www.moreira.pro.br/textose37.htm>, (nd) 12/03/2009

Freud, Sigmund, 2001, *Totem e Tabu*, Relógio de Água, Lisboa,

Freud, Sigmund, 2005, *A civilização e os seus descontentamentos*, Europa-América, Lisboa

Freud, Sigmundo, 2009, *Para além do princípio do prazer*, Relógio D`Água, Lisboa

Fleischer, Deborah e Garcia, Germán. *Clínica de las transformaciones familiares*, (nd) I.A.U., 2008

From, Erich, 1981, *La condición humana actual*, Paidós, Barcelona.

Naouri, Aldo, (2009, Maio 03) Todos os nomes, entrevista, noticias magazine # 884.

Santos, Coelho. 2001, A angústia e o sintoma na clínica psicanalítica contemporânea. *Revista latino americana de psicopatologia fundamental*, 105-125, número 1

Tendlarz, Sílvia Elena, (nd) *Estudios psicoanaliticos de la paranóia* I.A.U. 2008

Ubieto, José R., 2007, *Famílias del siglo xxi: nuevas subjetividades, nuevos vínculos*, *Revista del COPC/201*, Julio-agost,